

O FIM DE SÉCULO NO OLHAR ILUSTRADO: IMPRENSA, HOMENS DE LETRAS E A PASSAGEM DO SÉCULO XX PARA O XX EM CURITIBA.

Mônia Silvestrin/UFPR

O século ia morrer... sim, porque os séculos morrem também, e morrem fatalmente... Às vezes agitados, epilépticos, como o século XV; às vezes, opulentos de vida como o século XVI e às vezes como o XVIII, pungidos de todos os delírios da filosofia e da fé. O nosso, o chamado grande século, ia morrer de um estranho mal, de uma enfermidade sublime, espécie de histeria do pensamento. A cohaustão moral apressava-lhe a agonia.

E como os filhos dos séculos mostram-se sempre desamorosos e ingratos, havia em volta do leito em que o moribundo agoniza, solenne e insubmisso como os Tritões antigos, um susurro profundo e quase expansivo. Os filhos do velho século despedem-se d'elle transidos de um impia alegria misteriosa tendo a alma cheia do século novo, que lhe traz o desconhecido e a esperança.¹

Viver em 1900. O novo século deu os ares de sua graça na madrugada de uma terça-feira entusiasmada, primeiro de janeiro de 1901. Do tenebroso oitocentos, “este século “desconjunctado”², somente lembranças. Nas palavras do cronista, as epopéias de Napoleão mesclam-se ao vapor e à luz elétrica, à Guerra do Paraguai, a Zola, Balzac e os grandes românticos e naturalistas da literatura universal; Augusto Comte e a sua *Philosophie Positive*, contemplam a República, ansiosa por ordem e progresso em uma maré de ventos não muito favoráveis. No Brasil que anseia ser outro no novo século, um certo pessimismo é a nota dissonante na melodia de boas vindas aos últimos cem anos do milênio, marcados pelo temor de um futuro incerto como todo devir, e que se deseja o melhor possível na retórica bem construída de seus artistas. Quem viver verá!, parecem querer nos dizer os redatores que nas folhas de seus jornais, passaram em revista o século findo e saudaram o vindouro. Afinal, a única certeza é que *le monde marche...* “Bem vindo sejas tu, ó século X”³

Ao contrário do que muitos poderiam supor, o dia 31 de dezembro de 1900, transcorreu tranqüilo na pacata Curitiba e não parecia anunciar a vinda daquele que, para alguns, deveria ser o “século da electricidade e, para outros, o do esoterismo”⁴ As comemorações aconteceram, na sua maioria, em âmbito privado, ficando o encargo aos diversos clubes e associações, com a organização dos bailes e festas para saudar o novo século. Houve também queima de fogos

e, como relata a cronista do “Diario” no dia seguinte, muitos votos de que o novo tempo trouxesse paz e harmonia, além dos já esperados dias melhores.

Tal calma, que surpreende o pesquisador imerso em outro fim de século, por sinal bastante alardeado, não deve ser confundida com indiferença, pois os curitibanos, de certo modo, já haviam saudado, com uma festa grandiosa, os anos noventa: a comemoração dos quatrocentos anos do Brasil, no dia 3 de maio. Esta foi a verdadeira recepção preparada para o século XX. E não poderia ser diferente, pois em tempos patrióticos de exaltação da Nação, de construção dos seus mitos e heróis, o novo século haveria de ser inevitavelmente comemorado na linguagem do civismo.

Além das comemorações cívicas, os anos próximos ao final do oitocentos foram férteis em outras imagens e referências que tentaram dar conta do novo século. Aqueles que procuraram refletir sobre o seu próprio tempo, se dividiam entre posições mais ou menos otimistas - e muitas vezes transitavam entre elas - prevalecendo, entretanto, em meio à cacofonia geral, um certo rumor de decadência.

Nem sempre como tema, muitas vezes perdido em breves frases, o século XX se anunciava, assinalando o sentido do presente. E este era “nevrótico”, decadente, confuso – palavras estas que tentavam dar conta de uma complexidade que parecia inédita, como nos lembra um contemporâneo ao nos dizer ser impossível qualquer tentativa de traduzir o seu próprio tempo em uma única linguagem, pois isso pressuporia “uma fé e uma simplicidade que já não temos”.⁵ A exaustão mental, a mistura de filosofias e a impossibilidade de delinear a verdade, os maus hábitos da civilização, que relaxaram o caráter dos homens pareciam ser indícios de que se vivia um momento extremo. Da dúvida de Goethe e Byron ao pessimismo de Flaubert e Zola, a única certeza possível era a de que o mundo conhecido, o do grandioso oitocentos, que havia superado em muito as expectativas mais otimistas a seu respeito chegava ao fim.

Foram tais notas dissonantes em meio à euforia que tradicionalmente marca as mudanças de calendário que nos fizeram olhar de modo especial para a questão do final do século em Curitiba. Mais do que um objeto de estudo, o fim de século, por ser um momento visto como limite, ruptura, propicia retrospectivas, balanços, elaboração de projetos, reflexões que reelaboram o olhar sobre o presente e sobre o passado, dando aos debates, idéias e questões que lhes são pertinentes, uma visibilidade talvez impossível em outras circunstâncias.

Neste sentido, nos voltamos para a imprensa diária e, dentre os diversos textos publicados, um tipo em particular: o de caráter retrospectivo, que passa em revista o século que termina e de algum modo, especula sobre o amanhã. São falas extremas, que trazem consigo não só o espectro renovado de Jano, a nos espreitar com sua cabeça bifronte, mas essencialmente um diagnóstico acurado do tempo presente. Elegemos, portanto, um recorte pontual, circunscrevendo nossa pesquisa aos anos de 1899, 1900 e 1901, período em que o século torna-se tema recorrente, revelando imagens ansiosas em relação ao futuro, que mesclavam uma certa euforia a um sentido apurado de decadência. Imagens presentes nos jornais, mas também nas revistas, nos livros, nas propagandas, nos clubes e associações. De certo modo, tudo se tornava *fin de siècle*.

Complexas, às vezes ambíguas e contraditórias, as representações do final do século foram construídas a partir do encontro de dois universos discursivos: o da imprensa e do jornal diário, que colocava o mundo ao alcance das mãos, delineando o sentido do presente, e um outro, das leituras e referências disponibilizadas pelos movimentos culturais e literários do período. As duas instâncias, porém, a da “experiência” de viver um final de século e a dos elementos simbólicos que subsidiavam as idéias a respeito dele, não estavam separadas e sim unidas em um sistema relativamente coerente de percepção, que permitia a construção do mundo enquanto realidade.⁶

Em busca de tais representações, procuramos conhecer um pouco melhor a imprensa diária da época que, além de *locus* privilegiado de atuação desses homens de letras, pode ser

entendida também como um “lugar de encontro” da população citadina, permitindo compreender, ao menos em parte, os modos de ser e viver na cidade que se queria, a todo custo, moderna e cosmopolita. Também pelo jornal diário passavam os debates, as notícias e as questões polêmicas que inflamavam os espíritos e, no país dos bacharéis, tornavam todos imbatíveis mosqueteiros.

A questão da emancipação feminina, da ciência - “oculta” ou “experimental” -, das venturas e desventuras de ser paranaense ganhavam as páginas dos jornais com bastante frequência e nelas nos detemos para acompanhar não só o desenrolar das idéias em jogo, mas também a sua relação com ambiente literário e cultural da capital do Estado. Este apresentava uma configuração de idéias bastante singular, que reunia contribuições advindas tanto de movimentos estéticos como o Simbolismo como do Teosofismo e da Maçonaria Esotérica. As idéias de progresso e o cientificismo, características marcantes da civilização ocidental oitocentista, eram parte de uma espécie de “língua comum” partilhada pelo público letrado na Curitiba do final do século, e englobavam sentidos extremos: da mais pura exaltação da civilização industrial ao descrédito elegante do simbolista que se retira do mundo à espera de um novo homem capaz de compreender os acordes do seu novo tempo.

O desejo de criação de uma nova hélade, capaz de reencantar o mundo e fazê-lo reencontrar a harmonia perdida, professado pelos adeptos do Neopitagorismo sintetiza a forte presença de movimentos espiritualistas na cidade. Afirmando reiteradamente a crise e o fim da civilização ocidental, tais movimentos forneceram aos homens de letras do período os referenciais teóricos para a leitura e diagnóstico que faziam do momento presente, leitura essa marcada certamente pelo pessimismo, mas um pessimismo que, pensado como o fim de uma etapa, permitia olhos vidrados no futuro, local da esperança e da possibilidade de regeneração.

Mas qual era esse “mundo” alvo da leitura e da reflexão desses homens de letras e tribuna? Certamente a sua face mais visível surgia cotidianamente nas páginas dos jornais: guerra na África, seca no nordeste, epidemias, políticos corruptos, previsões de catástrofes

naturais, assassinatos, etc. Eis a prova da crise e da decadência anunciadas nas doutrinas esotéricas e manifestos artísticos! Os jornais, portanto, tornaram-se elemento chave na constituição das representações acerca do presente e pareciam confirmar, a cada notícia, a decadência contemporânea.

Neste sentido, as metáforas biológicas que atribuíam ao século os mesmos ritmos da vida humana, acusando-o de ter envelhecido e se tornado decrepito com o passar dos anos, ao mesmo tempo em que garantiam a possibilidade de um recomeço, tentavam, de certo modo, acomodar na perspectiva do progresso, um presente que não parecia compatível com as glórias dos anos precedentes, apontando para uma questão fundamental que se colocava naquele momento para os homens de letras curitibanos, qual seja, a do descompasso entre a evolução material e espiritual do homem. Embora não se pudesse negar o desenvolvimento da humanidade, parecia evidente que esse mesmo desenvolvimento, ao obrigar o homem a viver em uma sociedade materialista e impessoal, havia rompido com os valores tradicionais, jogando-o em um mar de excessos, angústias e incertezas.

E ao homem de letras restava o combate. Escritores profícuos, dedicados na sua maioria, simultaneamente, à tribuna e aos bancos escolares, eles participaram ativamente dos debates e da história do seu tempo munidos da “espada”, do “bisturi preciso e cortante” com os quais talhavam suas opiniões, construíam seus argumentos e projetos, refutando a pecha de “nephelibatas” que alguns insistiam em lhes imputar: certamente lutavam no terreno movediço e muitas vezes imaterial das idéias, e, embora muito da polêmica se desse pelo simples prazer do desafio e do prestígio que a lide com as belas letras angariava entre os cidadãos ansiosos por frases espirituosas e o verniz da civilização, para a maior parte desses literatos “engajados” a instrução e o esclarecimento eram o caminho mais curto para a autonomia intelectual e a liberdade de pensamento, pré-requisitos fundamentais para a construção do novo cidadão e da humanidade redimida com a qual tanto sonhavam.

Abusando da retórica bacharelesca e das citações, escolhidas muitas vezes mais em prol dos efeitos estéticos e da opinião do autor, do que por seu caráter de afirmação da verdade, eles discutiram o papel da mulher no “mundo hodierno”, travaram os embates pela afirmação da vocação histórica do povo paranaense, discutiram os limites da ciência, embora não abdicassem do olhar cientificista, que ao lado da idéia de progresso formavam os eixos em torno dos quais de dava a enunciação da palavra pública e se articulavam os demais temas e questões importantes naquele momento. Embora os seus sentidos preciso estivesse muitas vezes colocado em questão, principalmente quando se tornavam alvo de disputa direta, elas forneciam, de certo modo, as palavras para que o discurso ilustrado ganhasse visibilidade e se tornasse legítimo, perpassando todas as dimensões do jornal e dando suporte aos mais diferentes assuntos. De certo modo, o mundo se explicava, na sua ventura e vicissitudes, pelo ideário progressista da ciência.

O fim de século, portanto, com as referências de ruptura e recomeço que trazia consigo alimentou tanto os diagnósticos do tempo presente como as expectativas em relação ao futuro, como podemos perceber através das imagens e falas que tentaram dar conta da onipresença absoluta com a qual ele parecia ter o poder de definir o destino dos homens. Se o mundo estava caótico e degenerado, era a expressão de um tempo que não possuía mais força vital e se encaminhava para seus momentos finais, embora muitos tivessem sérias desconfiças em relação ao futuro que ele anunciava; se o oitocentos havia realizado o feito de fazer os homens viverem em cem anos o equivalente aos dois mil precedentes, tal aceleração do tempo representava a descida vertiginosa em direção ao fim de mais uma civilização, como a própria história não se cansava de reiterar; ao mesmo tempo, diante de olhos mais otimistas, chegava ao fim da sua missão de preparar o espírito humano para a vertigem de anos mais espetaculares ainda.

De um modo ou de outro, o fim de século foi visto, por esses homens letrados, como um momento de inflexão na história humana, que exigia reflexão e abria, de modo mais incisivo, as

possibilidades de mudança sonhadas, fossem elas garantidas - ou ameaçadas - pela inevitabilidade do progresso, o que exigia a atuação persistente dos homens, seja para mudar o seu curso, seja para fazer desaparecer os aguaceiros e tempestades de atrapalhavam seu caminho. As imagens catastróficas a ele associadas, que apontavam inevitavelmente no sentido de um fim próximo, acabavam tendo seu poder escatológico reduzido, pois eram submetidas à necessidade natural e imperiosa de destruição que antecipava a edificação de um novo tempo. Em outras palavras, aquele era um mundo que, embora já estivesse fazendo a crítica interna de seus próprios alicerces, de certo modo estava ainda por demais preso ao desejo de continuidade que, como nos lembra Everdell, marcou de modo peculiar os anos oitocentos.

¹ POMBO, José F. Rocha. "Em torno da terra". *O Cenaculo*, ano II, n. 1896. p. 22

² FLAVIANO, Flavio. *Diario da Tarde*, 20/12/1900.

³ MACHADO, Reinaldo. *Diario da Tarde*, 31/12/1900

⁴ *Diario da Tarde*, 22/10/1900

⁵ BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990. p.2

⁶ CHARTIER, Roger. *História Cultural - Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.